O QUE NÃO SABEMOS

Coleta de dados para uma síntese não se encerrou

Poderíamos pensar que não existe muita coisa para aprender, mas não é bem assim

FRANÇOISE HÉRITIEN-AUGÉ
ANTROPOLOGIA

Desde a época em que a antropologia registra as leis comuns ao gênero humano — principalmente graças aos trabalhos de campo realizados em nome da etnologia, que se interessa pelos diferentes modos de vida de grupos bem precisos — poderíamos pensar que não existe muita coisa mais para se aprender. Mas não é assim. Por um lado, porque ainda estamos longe de ter acumulado todos os dados brutos disponíveis na superfície do Planeta. Existe grande número de sociedades que não foram ainda integralmente descritas. Por outro, porque, embora os fatos sejam conhecidos e descritos, nem sempre sua natureza e sua origem são bem compreendidas.

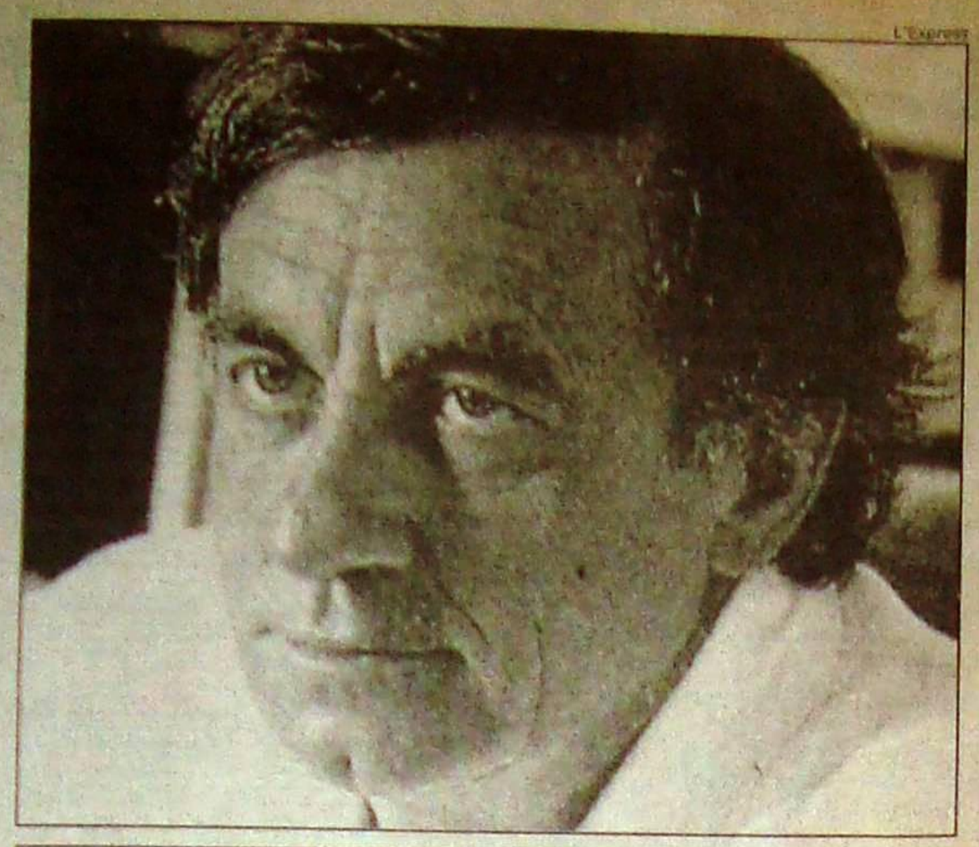
Pessoamente interessei-me pelos sistemas de parentesco: as regras de filiação, de aliança, de denominação, de residência. Tomemos como exemplo as regras de denominação. Existem muitas maneiras, de acordo com um sistema de combinações puramente lógico de posições formais, para designar o irmão de sua mãe e o irmão de seu pai. Vocês podem chamar a ambos de "pai", como seu pai: é o sistema "havaiano". Vocês podem usar uma palavra diferente de "pai", mas comum aos dois irmãos, como, por exemplo, "tio": é o sistema chamado "esquimó", do qual dependemos na França. Vocês podem usar dois termos distintos, um para designar o irmão de sua mãe e outro para designar o irmão de seu pai, sendo estes dois termos diferentes dos termos "pai" e de "mãe", etc. Ao todo, não existem mais que seis combinações lógicas possíveis de serem analisadas a partir de três posições: pai, irmão do pai, irmão da mãe, portanto seis sistemas possíveis. Ora, apenas cinco destes seis grandes tipos estruturais existem no mundo. Falta aquele em que um mesmo termo designaria o pai e o irmão da mãe, por oposição ao tio paterno. É um sistema de apelação que seria viável e funcional, como os outros, mas, apesar disso, nenhuma sociedade do mundo o adotou. Podemos apenas aventar hipóteses sobre os motivos dessa "ausência".

Possibilidades — As sociedades humanas funcionam com sistemas de parentesco que podem ser relacionados claramente com um número preciso de possibilidades resultantes de combinações limitadas a partir de dados muito genéricos, de ordem biológica. Mas funcionam principalmente pelo fato de que em toda sociedade é preciso que haja homens e mulheres inscritos em seu lugar nas fratrias (grupos de clãs com características similares), para procriar filhos e filhas, e de que cada geração de pais preceda as gerações de filhos. Compreendemos e analisamos tudo isso. Mas por que as sociedades, nas diversas partes do mundo, adotaram este e não outro sistema de parentesco? Qual a necessidade que obrigou à adoção desta ou daquela solução? No momento, não há nenhuma resposta a estas perguntas.

■ *Françoise Héritier-Augé é professora do Collège de France.*

L'Express

Françoise: sistema de parentesco



L'Express

Testart: as coisas vão melhor quando há um ar de sabedoria; por isso, os médicos não confessam o desconhecimento responsável pelo fracasso de muitas tentativas, como as que envolvem, por exemplo, os processos reprodutivos

AE

Processo é pouco conhecido

Desconhecemos coisas básicas como as razões para a divisão do ovo; é possível que isto ocorra por causa de uma influência ambiental, como um stress ou variações no teor de acidez e temperatura

JACQUES TESTART
BIOLOGIA DA REPRODUÇÃO

Há um monte de coisas que nós ignoramos em matéria de reprodução humana. Mas é uma disciplina que não se preocupa realmente com suas ignorâncias. Para muitos médicos, saber que se pode obter 15% de sucesso numa manipulação já atesta seu conhecimento, e isso lhes basta para anunciar que dominamos o problema. Ora, nós não sabemos por que nós temos 15%, e não 70% de sucesso.

Na verdade, nós não compreendemos nada de nada, nós dispomos de informações parciais sobre fenômenos biológicos que conseguimos utilizar para desenvolver procedimentos que trazem soluções a casais que não conseguem ter filhos. Mas em nenhum caso devemos considerar isso um avanço sobre a ignorância. Há fracassos e há sucessos inexplicáveis. Seria preciso compreender todo o processo, de A a Z, o que está longe de ser o caso. Hoje nós sabemos fecundar um óvulo com um só espermatozóide — o que é bastante extraordinário — mas não temos uma compreensão melhor sobre as coisas do que antes.

Com os pacientes, os médicos contentam-se com essas ignorâncias — e 85% de fracassos. Explicam-lhes que eles sabem, que eles dominam as coisas, mas que há casos que não são favoráveis. Assim, as coisas passam melhor, dá um ar de sabedoria. Não consigo fazer isso. Sem dúvida porque sou biólogo. O objetivo da medicina é encontrar procedimentos terapêuticos, antes de tentar compreender. A possibilidade de divulgar um procedimento suprime muitas vezes as veleidades de compreendê-lo: a pesquisa final é uma deficiência para a pesquisa básica.

Sob esse ponto de vista médico, há muitas ignorâncias que não conduzem a um dano. Em matéria de reprodução, os verdadeiros gêmeos oferecem um belo exemplo: não se sabe, absolutamente, por que o ovo se divide em dois. Alguns indícios nos permitem pensar que não se trata só de um mecanismo interno do embrião, mas que seu ambiente, principalmente um stress biológico (variação da acidez ou da temperatura), poderia desempenhar um papel. Mas isso ainda é mistério científico. Em termos médicos, sua resolução seria supérflua: ela não adiantaria nada.

POR QUE SÓ USAMOS ALGUMAS TÉCNICAS EM CERTOS MOMENTOS HISTÓRICOS?

As questões que me obcecam realmente são diferentes. Algumas simplesmente excitam minha curiosidade. Por que se faz uso de uma técnica, num determinado momento e não noutro? A inseminação artificial com doador data de 1780. Como a Igreja a condenou, ela só era praticada nos seres humanos de maneira marginal e clandestina. Nos nossos dias, ela se generalizou de repente, e o grande público tem a impressão de que isso vem de um avanço técnico, mas não é o caso. E por que a primeira fecundação *in vitro* foi realizada em 1978? Tecnicamente, isso já era possível 30 anos antes. O mesmo aconteceu com a máquina a vapor: ela poderia ter sido utilizada muito tempo antes, mas não foi. Por quê?

Outras questões são preocupantes: qual será a influência de algumas de nossas práticas atuais sobre o psiquismo das crianças? Com a lei sobre o anonimato da doação de esperma, decide-se que uma criança, ainda não concebida, nunca terá o direito de conhecer seu genitor. Como ninguém ignora, todo mundo tem necessidade de conhecer suas origens. Então, o que se sabe sobre o futuro, sobre a vida dessas crianças? Quando eles estiverem em idade de procriar, e seus próprios filhos quiserem ver seus avós? As primeiras crianças que foram objeto desse tráfico da verdade hoje têm cerca de 20 anos e segundo alguns psiquiatras, as coisas não vão lá muito bem para algumas delas. O fato de decidir que uma criança não deve saber o que todo mundo quer saber parece-me simbolizar bem essa vontade de dominar tudo, ao aceitar deliberadamente ignorar suas conseqüências.

Aborto terapêutico — Age-se da mesma forma com a técnica de triagem de embriões, que está começando na Inglaterra, na Espanha e nos Estados Unidos. Primeiro, em nome da eliminação de doenças graves, que justificam um aborto terapêutico. Mas está começando a ocorrer um desvio para a criança idealizada, uma concepção estreita do normal humano. As crianças nascidas desse processo vão ter de se mostrar à altura das esperanças depositadas nelas. As pobrezinhas não poderão dar um "pum" na hora errada. Vai-se fabricar crianças de modo cada vez mais complicado, e que terão cada vez mais problemas. Estamos no limite da biologia competitiva. Hoje, as empresas seguradoras exigem conhecer os fatores de risco dos segurados e cobri-los em virtude de seu futuro biológico estatístico. Pode-se estimar que o único modo de se proteger contra esses projetos sem limites é instituir uma ignorância obrigatória. Esse seria o resultado inesperado de uma pesquisa que pretende explicar tudo.

■ *Jacques Testart é diretor de pesquisas no Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica da França (Inserm).*

A passagem do tempo e os limites da vida

Idéia de que um saber maior muda os comportamentos e traz felicidade não tem nenhuma demonstração, o que não significa que haja alternativas para nos confortar dessa realidade

ETIENNE BAULIEU
MEDICINA

Decididamente, os cientistas não sabem fazer previsões. Diante disso, a pretensão de continuar o processo de desvendar os mistérios da natureza é evidentemente um ato de otimismo orgulhoso: achamos que, ao saber mais, comportaremo-nos de forma mais apropriada e que assim seremos mais felizes. No entanto, isso não está provado. Não vejo, porém, outra solução. Dentro da minha área de especialização — hormônios — nossa ignorância se estende a tantos aspectos que não poderia nem numerá-los. Falemos somente de três grandes questões: a reprodução das espécies, o sistema nervoso e o envelhecimento. É importante relembrar que os três estão ligados, de uma forma ou de outra, ao mecanismo molecular e ao fator temporal.

A MEMÓRIA, O PROCESSO MAIS COMPLEXO, DO SISTEMA NERVOSO, É ALTERÁVEL?

No que diz respeito à reprodução, parece-me fundamental que o mundo encontre seu equilíbrio demográfio, mas não sabemos como isso poderá ser atingido. Trata-se de uma complexa questão de cunho político e ideológico, ao mesmo tempo com uma dimensão pessoal e familiar. Mas é preciso levantar a questão: até que idade é possível ter filhos? É justo que uma mulher *não possa mais ter filhos aos 50 anos? Ela poderia fazê-lo mais tarde? Devemos favorecer as condições para que isso ocorra?* Eu adoraria ver os homens fazendo seu papel em relação ao uso de contraceptivos. Mas ainda não sabemos se existe uma terapia hormonal que não apresente riscos à sua saúde. Nesse domínio, ainda enfrentaremos grandes dificuldades.

Memória seletiva — Quanto à memória, trata-se do fenômeno mais misterioso do funcionamento do sistema nervoso. Podemos alterá-la com a ajuda de moléculas? Tenho muita curiosidade em saber.

Até o momento, não há provas de que possamos aumentar a capacidade de memória por meio da ingestão de pílulas. Além disso, é preciso aprimorá-la? Somos capazes de não esquecer os fatos passados? A memória tem uma dimensão psicológica: nossas lembranças passam por um processo de triagem. Devemos influenciar esse processo? Também não temos muitas informações sobre a forma de reabilitar um nervo danificado. É desolador saber que há partes do corpo que são irreparáveis.

Finalmente, o envelhecimento traz à tona a questão fundamental dos efeitos causados pelo tempo. O tempo afeta tudo, da pedra às matérias não orgânicas. A questão do tempo contradiz as condições da vida, das crenças, das atividades. Há algo que se possa fazer? E se a resposta for sim, devemos adotar essa fórmula? Acho que sim. Afinal é preciso melhorar as condições de vida dos idosos, reduzir as misérias que assolam a velhice. Com cerca de 50 anos, as mulheres testemunham a interrupção do funcionamento normal do ovário, acompanhada de sintomas típicos: sensação de calor, ossos frágeis, doenças cardiovasculares, alterações na pele, etc. Prescrever hormônios para equilibrar o organismo é sem dúvida uma atitude satisfatória. Mas qual seria a idade limite para a indicação da terapia hormonal? Não sabemos ao certo. Uma molécula do organismo denominada DHEA tem seu nível reduzido consideravelmente a partir de uma certa idade, tanto nos homens *quanto nas mulheres. Não sabemos ao certo o porquê, assim como ignoramos todas as suas conseqüências. Devemos compensar essa deficiência?* Se o fazemos, notamos que há melhorias em vários aspectos. Eu pessoalmente gostaria de saber a resposta logo. Mas na condição de cientista, não tenho esse direito: "Primum non nocere." O principal é não prejudicar.

Vida longa — Enfim, nenhuma descoberta atual nos fornece dados suficientes para supormos que a vida possa se estender por mais de 120 anos — limite que hoje conhecemos. Mas quem, afinal, sabe?

Consideramos todos as personagens mitológicos e os santos, os Matusalém que viveram várias centenas de anos? Houve épocas em que a vida era mais longa? Também gostaria de ter essa resposta.

■ *Etienne Baulieu é professor do Collège de France e de medicina no Hospital Kremlin-Bicêtre.*

L'Express

Baulieu: ninguém garante que não podemos viver mais de 120 anos